APLAUSO

ANO IV Nº 41

teatro

EXEMPLAR GRATUITO

Marília Pêra em

A filha da...

A atriz e sua filha Nina Morena em um drama familiar...

Em Cartaz ✣ Jornal do Teatro ✣ Clarice Niskier ✣ Guilherme Leme ✣ Lília Cabral ✣ Lucélia Santos ✣ Matheus Nachtergaele ✣ Ruth de Souza ✣ Ticiana Studart ✣ Tonico Pereira

Novos Lançamentos Biscoito Fino

ÁFRICO
Sérgio Santos

MIÚCHA

TERCEIRO COMPASSO

CHORO RASGADO
Francis Hime

GAFIEIRA MODERNA
Joyce

SINFONIA DO RIO DE JANEIRO DE SÃO SEBASTIÃO
Francis Hime

DVD SINFONIA DO RIO DE JANEIRO DE SÃO SEBASTIÃO
Francis Hime

DVD TOQUINHO

O SAMBA É MINHA NOBREZA

MAR DE ALGODÃO
Olivia Hime

POR MARES NUNCA DANTES
Geraldinho Carneiro

TEU NOME
Marcelo Vianna

realização

biscoitofino@biscoitofino.com.br

Obra de arte

"A comodidade é o fruto que pertence somente às almas chãs. Vejo as coisas com critério e não só pelo lado do bem estar."
Mario de Sá Carneiro

"Esta noite se improvisa!, clama o título da peça de Luigi Pirandello. Não consigo pensar o teatro sem improvisação. O palco vazio de cadeiras ou idéias, o principiar de um diálogo, corpos que rolam no chão, palavras desconexas, gente que balbucia coisas estranhas... Aquele ator que no canto aparentemente não faz nada. É daí que tudo parte, é aí que tudo acontece. O diretor atento, olhos de águia, persegue um primeiro movimento, o começo.

Me espanta o teatro burocrático – o teatro do texto, marcações e vaidades. Ainda existem "artistas" que não gostam de se expor. Existem "artistas" que têm vergonha da própria arte. "Faço o que esperam de mim, não vou ficar vendido" diz o ator envergonhado que anda com sua imagem debaixo do braço.

O teatro ainda me inspira o templo da criação, das obscenidades. A história do operário da arte, do grupo trocando idéias, aprofundando temas, respirando... O gesto. O pequeno gesto. Seja comédia ou drama. O teatro feito com verdade e distanciamento mais do que calculado. Como diz Peter Brook "quem dera que todos os teatros fossem REAIS-listas".

Teatro: templo das alterações de humor. Chega de comodidade, de previsibilidade. Precisamos continuar pensando o teatro como obra de arte e isso não implica chatice, bocejo ou ambição intelectual. Não necessariamente.

Quero o teatro para alimento da alma, para mudar o que é supostamente natureza eterna, morta. Que suscite novas associações mentais, físicas e espirituais."

Ticiana Studart, setembro de 2002

Tentação

Luana Piovani está sendo sondada para fazer no teatro o papel que Marilyn Monroe celebrizou no cinema, dirigida por Billy Wilder, em *O Pecado Mora ao Lado*, aquele em que a loura guardava suas roupas íntimas na geladeira. Ainda não há uma resposta...

O eterno triângulo

Brincando com os *reality shows*, Marcelo Rubens Paiva conclui sua trilogia sobre as relações amorosas iniciada com *E aí, comeu?*. Em uma produção da Casa da Gávea, *Closet Show* estréia na Sala Marília Pêra do Teatro Leblon, com Cristina Pereira, Cláudia Ohana, Giuseppe Oristânio, Cassiano Carneiro e Thelmo Fernandes. A peça mostra duas mulheres disputando o fundador de uma ONG ecológica na África.

Festival de esquetes

O primeiro Circuito Carioca de Esquetes, com patrocínio da RioArte, acontece em setembro, ocupando quatro Lonas Culturais, além dos teatros Sérgio Porto, Ziembinski e a Sala Baden Powell (na grande final). O festival é aberto a atores amadores e profissionais de todo o país e vai oferecer R$10 mil em prêmios.

Aniversário na praia

O Teatro de Anônimo comemora 15 anos no Parque Garota de Ipanema, no Arpoador. Estréia dia 12 de setembro com *Tomara que não Chova*, da jornalista Lena Frias, e prossegue com espetáculos do repertório do grupo. Quintas e sextas às 20h. Sábados, às 18h30 e 21h. Domingos, 18h30. Anote!

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Adriana Pitigliani/divulgação.

Ruth de Souza

É caro?

Ruth: dificuldade para conseguir patrocínio.

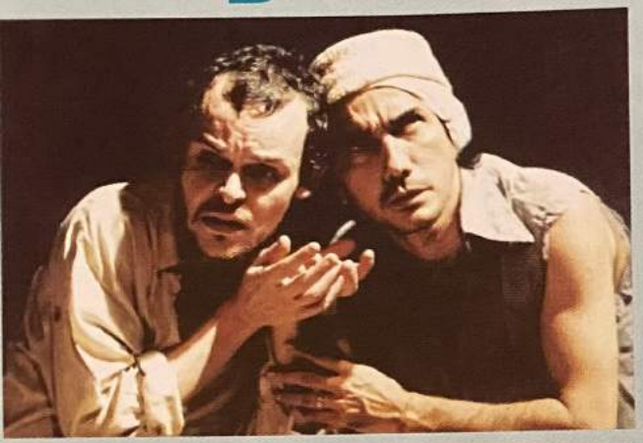
O teatro foi tudo na minha vida. Através dele consegui fazer um nome e viver. Ele é a base de qualquer ator. Quem não fez teatro, não faz televisão ou cinema tão bem. É preciso costura, paciência e tenacidade.

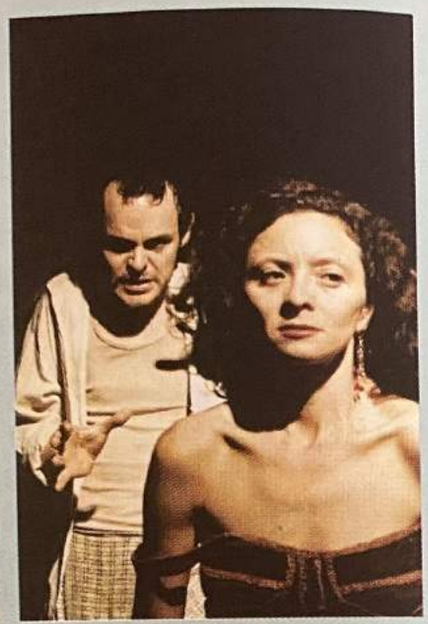
Tudo começou com a Fundação do Teatro Negro, criada por Abdias Nascimento. Estreamos em 8 de maio de 1945 no Teatro Municipal com a peça *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill. Foi um espanto. Um grupo de amadores negros num teatro que só recebia grandes companhias internacionais. Por coincidência, neste dia terminou a 2ª Guerra Mundial. Recentemente, num programa do canal GNT sobre as damas do teatro, mostraram uma imagem da época, com o povo comemorando o fim da guerra em frente ao teatro. E nós lá dentro estreando. Fiquei comovida.

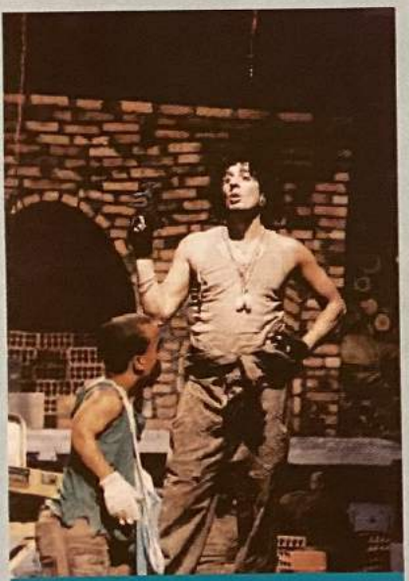
Durante cinco anos fizemos uma peça por ano, até que a Fundação acabou. Hoje, vejo atores conhecidos fazendo grandes montagens com suas próprias companhias. Porque, se você não tiver sua própria companhia, não faz teatro. É o que prejudica o teatro negro. Há anos não consigo tirar da gaveta o projeto de montar *Tamborine of Glory*, de Langston Hughes. Uma empresa que levanta patrocínio me mandou uma carta explicando: "As empresas não patrocinam teatro não tradicional". Em boas palavras, não patrocinam o teatro negro.

Atualmente não sonho em fazer nada. Para manter meu nome e minha posição como atriz, não posso mais fazer experiências. Acabei de participar da novela *O Clone* e tenho um filme para começar, *As Filhas do Vento*, de Joel Vitor Araújo. Estou exausta. Mas assisto tudo o que posso. Uma pena o povo brasileiro não ter cultura teatral. O público é sempre o mesmo. Os outros, nem têm curiosidade. Alegam que teatro é caro. E eu pergunto: e quando ficam sentados num boteco tomando cerveja?

Woyzeck, o brasileiro







FOTOS: LENISE PINHEIRO/DIVULGAÇÃO

Escrito há 150 anos, o drama de Büchner permanece atual em sua miséria e desespero.

Por Maria Lucia Rangel

Matheus Nachtergaele era muito jovem quando participou de uma oficina para atores iniciantes em São Paulo, dirigido por Cibele Forjaz, em *Woyzeck*. Mas a peça inacabada do alemão Büchner ficou arquivada em alguma parte de sua memória. Tocado pelo texto, mais de dez anos depois, o ator não só interpreta o personagem como produz o espetáculo no Teatro Casa Grande, ainda dirigido por Cibele Forjaz.

Woyzeck, o Brasileiro, é uma recriação do texto original de Büchner, desenvolvida a partir de um processo de quatro meses de improvisação e ensaios pela diretora, pelo dramaturgo Fernando Bonassi e por um elenco que, além de Matheus, tem Marcélia Cartaxo, atores do Grupo Piollin e participação especial de Leandro da Hora, que fez o filme *Cidade de Deus*.

Ciúme

A montagem brasileira recria a atmosfera dos manuscritos do autor, encontrados em folhas avulsas sem ordem estipulada. Encenada na Olaria Brasil, a peça mostra o trabalho dos homens imersos na lama que vão ao limite por pratos de comida e salários de fome. Além de acumular funções na linha de produção, Franz Woyzeck ainda é cobaia das experiências do médico local, que pretende transformá-lo num novo homem alimentado-o somente com ervilhas. A pressão dos afazeres, a fome, a desconfiança e a humilhação constante começam a minar sua sanidade. Ele vive com Maria, mulher sensual em constante angústia entre o desejo de mudanças e a vontade de ser correta e respeitável. Ela cede, no entanto, às abordagens do Marombeiro (operador de maromba) e transforma-se no escândalo da Olaria. Woyzeck entra em transe quando descobre tudo e, ensandecido, começa a ouvir vozes de que é preciso "matar a loba".

É o próprio Matheus quem explica porque a peça permanece atual. "O massacre do trabalho excessivo, da falta de grana, a desestruturação do amor romântico...tudo parece ter ficado mais intenso desde que Büchner escreveu a peça há mais de 150 anos. Nós quisemos fazer a peça num Brasil de agora, com atores de todos os cantos do país, com muitos sotaques, enfiando os pés na lama para fazerem os tijolos das casas que eles não podem ter. Traçamos um pequeno painel dos subalternos brasileiros. Tinha que ser *Woyzeck, o Brasileiro*.

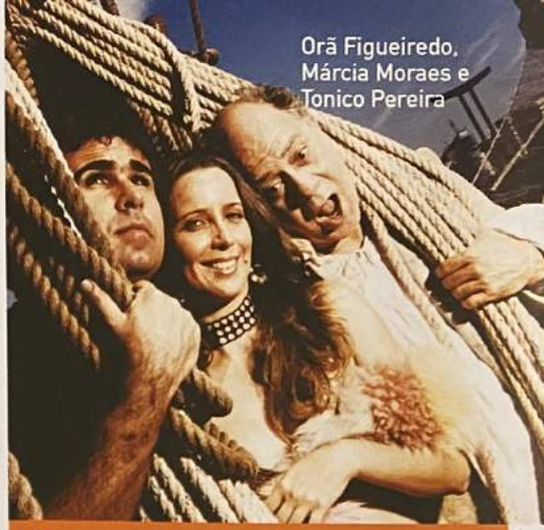
Por mares nunca dantes

Espetáculo é encenado em barco na Marina da Glória.

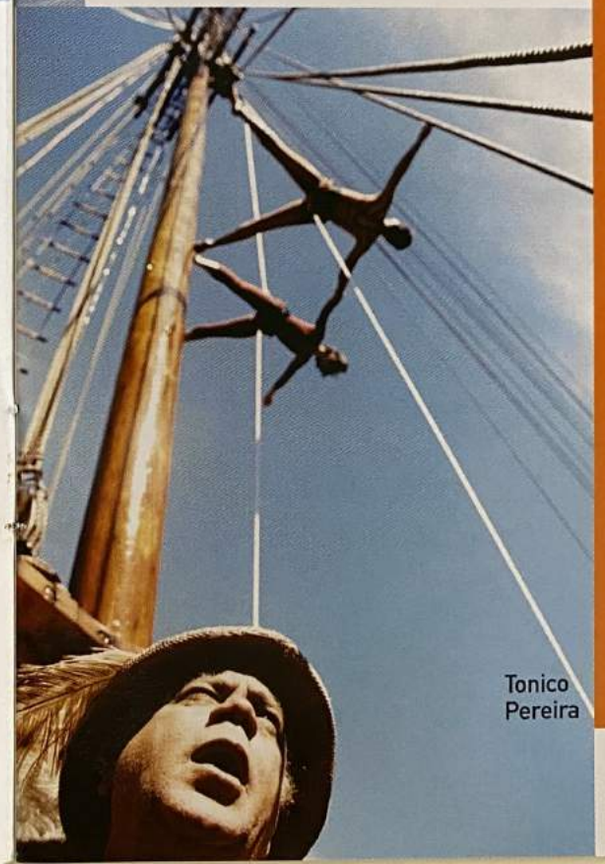
Por Maria Lucia Rangel

Luís Vaz de Camões desembarca no Rio de Janeiro no final do século XX, início do XXI, provocando um choque de épocas, espaços, culturas, línguas e sentidos. A história nasceu da imaginação do poeta Geraldo Carneiro e foi lançada em livro, *Por Mares Nunca Dantes*, há dois anos pela Editora Objetiva. Teve leitura no barco da atriz e produtora Márcia Moraes, no lançamento de um CD da Biscoito Fino, e ganha agora uma encenação também em barco, ancorado na Marina da Glória, diante de uma arquibancada para 50 espectadores.

Geraldo confessa que jamais imaginou que seu poema fosse "encenável". A idéia da encenação foi de Márcia Moraes, atriz e mulher do dono do barco, o velejador canadense-dinamarquês Markus Lehmann. O *tall ship* (como são chamados esses grandes e antigos barcos) foi construído entre 1996 e 2000, em madeira nobre da região de Santarém, no Pará. "Existem poucos barcos no mundo semelhantes a este, e nenhum com madeira tão nobre e feito de modo tão artesanal", orgulha-se Markus. Réplica de uma embarcação espanhola do século XVIII, o Tocorimé vai abrigar nos dias de encenação os atores Tonico Pereira, Orã Figueiredo e Márcia Moraes, além de acrobatas dirigidos por Claudio Baltar, da Intrépida Trupe, que saltarão do alto do mastro até uma plataforma do convés.



Orã Figueiredo, Márcia Moraes e Tonico Pereira



Tonico Pereira

Cenas no convés

O autor classifica Por Mares Nunca Dantes de "épico burlesco", já que tem a estrutura de uma narrativa épica com um conteúdo que passeia pelo satírico, o escrachado e até o lírico. "O poema é igual ao linguajar seiscentista, mas com uma visão apocalíptica do Rio de Janeiro. De 1999, quando ficou pronto, até hoje, essa visão já virou quase realista". Geraldinho se refere a cenas como a da guerra de gangues em que se envolve Camões quando encontra Lúcio Fera (Orã Figueiredo), chefe do tráfico do Borel, e às idas do bardo lusitano a um triste cabaré da Praça Mauá, onde sua musa, Aurora Boreal (Márcia), dança. Tonico Pereira, o Camões da peça, diz que faz vários Camões em um só. "Às vezes faço sotaque de português para chanchar mesmo, um lado Oscarito. Outras vezes estou sem sotaque. E nos momentos poéticos, líricos, como a carta que escreve a Portugal, o sotaque não faria sentido", diz o ator. O diretor Moacir Chaves preferiu usar o convés para a maioria das cenas. "O Rio é presença absoluta no espetáculo."

FOTOS: NANA MORAES/DIVULGAÇÃO

A filha da...

FOTOS: ADRIANA PITIGLIANI/DIVULGAÇÃO

Marília Pêra divide o palco com a filha Nina Morena.

Por Maria Lucia Rangel

Marília Pêra decidiu sair em campo e produzir, ela mesma, a comédia *A Filha da...*, texto de Carlos Eduardo Silva premiado no 1º concurso de dramaturgia do Ministério da Cultura há dois anos. A peça, escrita para ela, marca o lançamento do autor e da jovem filha da atriz, Nina Morena, contracenando com a mãe. Os ensaios abertos começam dia 3 de setembro, no Teatro Vannucci, e Marília quer a participação do público para os últimos retoques do espetáculo.

Sempre atenta aos jovens atores, a atriz lê todas as peças que recebe. E ainda encontra tempo para estudar inglês, dança e piano, instrumento que tocou durante 10 anos de sua infância. Marília não só lê as peças, como responde. No original enviado por Carlos Eduardo para avaliação, vinha o adendo: "Passei madrugadas e madrugadas escrevendo e pensando em você." Por telefone, ela falou pela primeira vez com o autor. "Eu havia acabado de ler uma comédia engraçadíssima sobre corrupção. Atual, irreverente, com toques de terror, suspense e jogos absurdos de poder entre fortes e fracos", diz ela.

Tudo em família

O personagem da mãe agradou tanto que Marília disse ao autor que, se sua agenda e as possibilidades de patrocínio se harmonizassem, gostaria de produzir e interpretá-la. Meses mais tarde, jantando em Brasília, soube que, naquela tarde, o texto havia sido premiado. Uma primeira leitura foi feita na Casa da Gá-

vea com Beth Gofman no papel da filha. Numa nova leitura no auditório do jornal *O Globo*, Beth estava ocupada e Marília pensou na filha Nina Morena. "Nesta leitura, a peça ficou muito mais engraçada. Era como se tivéssemos ensaiado antes. Deu uma química. E eu tinha vontade de dar o primeiro pontapé na bundinha dela. Depois, ela irá sozinha."

Este primeiro trabalho com Nina Morena não é exatamente fácil, pois mistura muitos canais. Marília já explicou à filha que gostaria de imaginá-la como uma dessas jovens atrizes, tipo Débora Falabella. E gostaria de ser olhada como uma Regina Duarte, Marieta Severo ou Fernanda Montenegro. "O pior é que a mãe desta peça é completamente diferente da filha. Elas fazem um contraponto e eu não posso embarcar na dela e nem ela na minha."

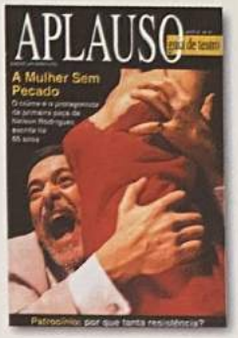
Dividindo o palco com mãe e filha, Luciana Coutinho e Alexandre Barbalho: "Estou contente de conhecer a Luciana. É muito organizada e honesta. E o Barbalho é filho da Arlete Salles, minha grande amiga." E como a direção é de outro amigo, Elias Andreato, e a produção do filho Ricardo Graça Mello e do marido Bruno Garcia, Marília brinca que **A Filha da...** está sendo feita em esquema familiar.

Pontaria equivocada

A peça conta a história de uma mulher obcecada pela vida da princesa Diana, porém frustrada por não alcançar a mesma virtude e fama. Numa certa manhã, ela acorda e vê no jornal a foto do príncipe Charles. Sem saber porque, dá um tiro na foto e só então percebe que o marido estava atrás. O jeito é pedir a ajuda da mãe. Está estabelecido o universo non sense. A mãe ou a polícia acreditariam na história? A confusão está formada...

Alexandre Barbalho, Luciana Coutinho, Marília Pêra e Nina Morena

Colecione, assine!



Enviamos para todo o Brasil

Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

UM PRESENTE QUE VAI EMOCIONAR...

Coleção completa de Aplauso por R$ 48! Edições de 1 a 41

Unha e Carne

Lilia Cabral e Denise Del Vecchio

Uma é a certinha. A outra, nem um pouco. E ambas ensinam que a boa convivência só depende do respeito pelas diferenças.

Por Maria Lucia Rangel

No texto de apresentação de *Unha e Carne*, que estréia no Teatro dos Quatro, Chico Azevedo, autor e diretor, explica ser este um texto que fala da Amizade. Segundo ele, um sentimento que os antigos gregos valorizavam mais que o Amor e que, hoje em dia, é cada vez mais raro. E ele se pergunta: "Quem é amigo de verdade?". No elenco, duas atrizes vivem personagens maduras, experientes e de personalidade marcante: Lilia Cabral e Denise Del Vecchio.

Comédia romântica, *Unha e Carne* mostra os sentimentos e contradições de duas mulheres que, embora grandes amigas, são como água e vinho. Ao começar o espetáculo, as duas estão brigadas e não se falam há muito tempo. Mas uma notícia de extrema importância provoca o reencontro. Enquanto Maria (Denise Del Vecchio) é responsável, de temperamento forte e decidido, impondo respeito, Isadora (Lilia Cabral) é extrovertida, emotiva e passional. Nunca teve família, inventava quando pequena histórias mirabolantes sobre o pai e a mãe que não conhecia, e não tem limites nem censura. Cantava em bares e casas noturnas de péssima freqüência e dava-se bem com todos – marginais, mafiosos, prostitutas, agentes de polícia. Tão diferentes, as duas sempre foram unha e carne. Maria, a unha. Isadora, a carne.

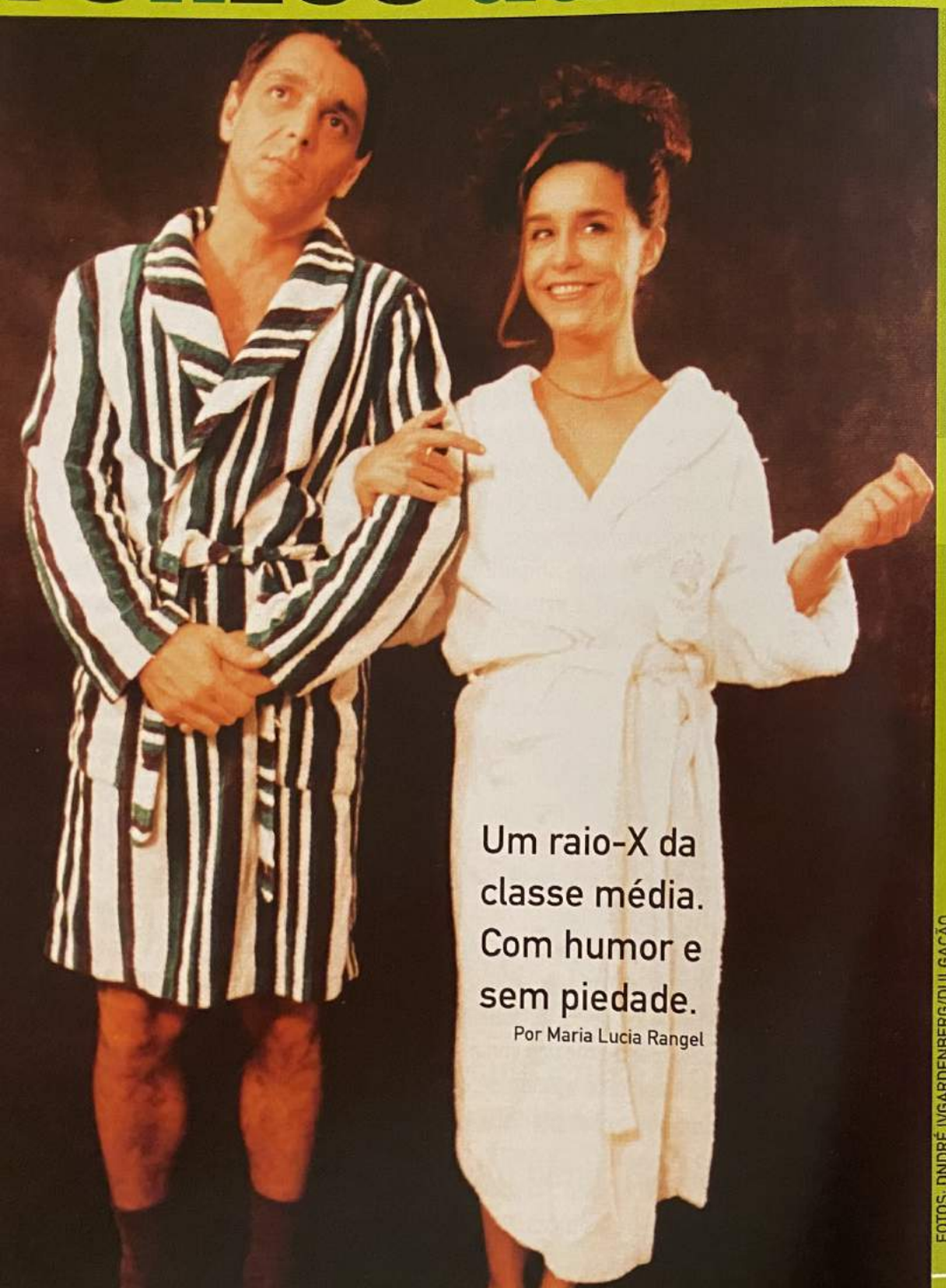
"Na verdade, escolhi ser a Isadora", diz Lilia. "Apesar de gostar muito da Maria, tinha vontade de fazer uma coisa mais solta. Estava há cinco anos afastada do teatro e me deu vontade de fazer esta personagem completamente indisciplinada". Isadora é bem diferente de Lilia, tímida e certinha no dia-a-dia. Para a atriz, o papel é um exercício psicológico. "É gratificante, mas difícil, até pelas diferenças."

Viva a diferença!

Denise Del Vecchio trabalhou com Lilia em *Feliz Ano Velho* e as duas estão matando as saudades de estarem juntas no palco. "A Maria é o arquétipo da pessoa que não deixa expandir sua potencialidade", diz Denise. "Só trabalhou e adora trabalhar. É o porto seguro de Isadora. Mas tem um fascínio pela amiga. É disto que eu gosto na peça. É baseada na diferença."

É como diz o autor e diretor, que pretende mostrar que, "nesta nossa rapidíssima experiência terrena, o mais importante é estabelecermos vínculos de afeto, criarmos laços de amizade, com o respeito pela opção de cada um. Tímidos e extrovertidos, boêmios e naturebas, brasileiros e argentinos, ingleses e italianos, etíopes e suecos, negros, brancos e amarelos, judeus e cristãos, ateus e muçulmanos... celebremos, com amizade, nossas diferenças, estilos e temperamentos! Até que a morte nos separe. Nos separe?"

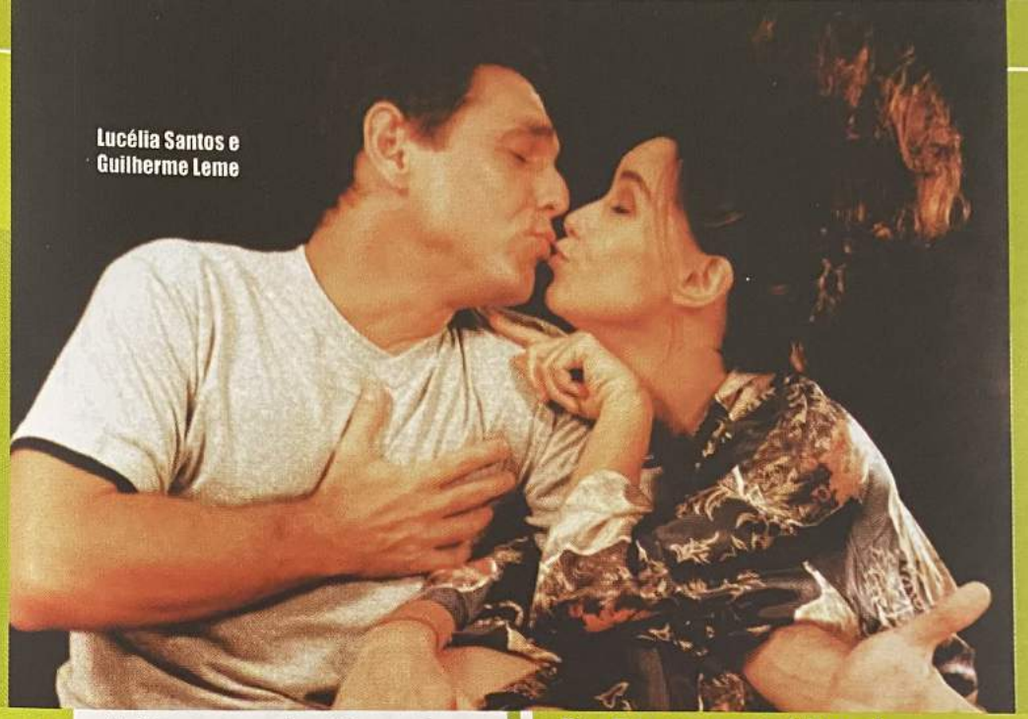
Felizes da Vida



Um raio-X da classe média. Com humor e sem piedade.

Por Maria Lucia Rangel

FOTOS: DNDRÉ IVGARDENBERG/DULGAÇÃO



Lucélia Santos e Guilherme Leme

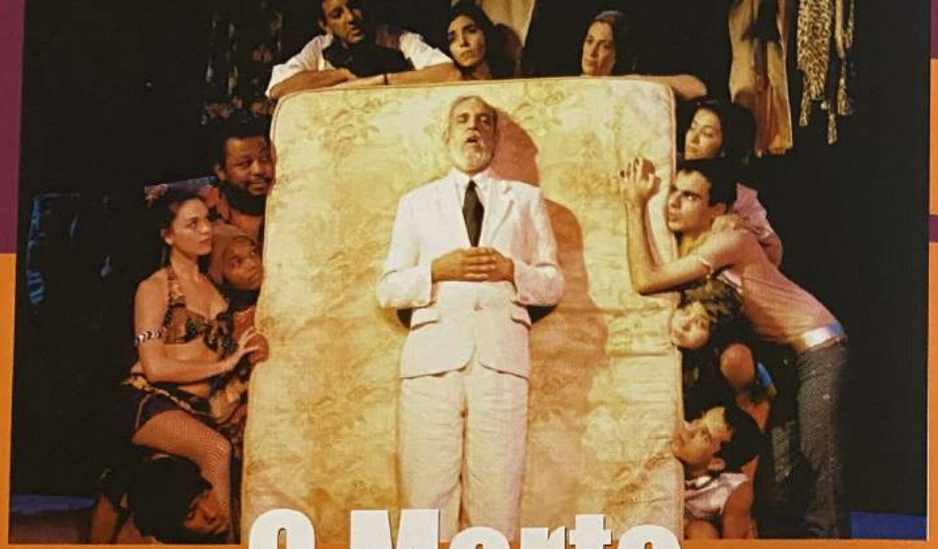
Lucélia Santos completa 30 anos de carreira. Guilherme Leme, 20. Os dois se deram tão bem na novela *Sangue do meu Sangue*, no SBT, que se prometeram um trabalho teatral juntos. Por que não agora, comemorando os dois aniversários? Para dirigir *Felizes da Vida*, que ficou três anos em cartaz na Argentina - agora está no Teatro dos Grandes Atores - foi convidado o diretor Victor Garcia Peralta, argentino nascido na Espanha, alfabetizado no Brasil e formado em teatro na Itália, em Milão.

A peça foi escrita pelo romeno Jacobo Langsner, residente em Buenos Aires, e gira em torno da classe média. Segundo Guilherme, os personagens Luiz Fernando e Maria Luiza formam seu retrato mais fiel. "O grande problema é a classe média", explica o ator. "É ela que adquire as pretensões, aspirações, ilusões, doenças. Adaptamos a ação para a Barra da Tijuca. E em vez de Paris, sonho da protagonista original, optamos por Miami."

Da Barra para Miami

Na história, Luiz Fernando é um economista desempregado. Por conta disso, está impotente, hipocondríaco e deprimido. Maria Luiza, perua dona de um antiquário, é quem sustenta a casa e sonha morar em Miami. A oportunidade aparece num jantar que o casal oferece para um influente senador da República. A intenção da personagem é conseguir o cargo de adido cultural em Miami para o marido. Os vários comentários políticos estabelecem o elo de ligação do texto com o público. "É o típico casal MD – maníaco-depressivo", explica Guilherme. Ela a maníaca que tenta salvar a situação. Ele, o depressivo."

Victor Garcia Peralta dirigiu Guilherme e Beth Goulart em 1999, na peça *Decadência*, e é o responsável pelo sucesso de Miguel Falabella na Argentina, onde encenou *A Partilha, Submarino, Como Encher um Biquini Selvagem* e *Querido Mundo*. Atualmente está em turnê pelo interior da Argentina com *Pequeno Dicionário Amoroso*, de Sandra Werneck.



O Morto do Encantado saúda e pede passagem

Pela primeira vez, a comédia de Oduvaldo Vianna Filho é encenada em teatro.

Por Maria Lucia Rangel

Nove anos depois da última montagem dirigida ao público adulto, o Tablado estréia a peça de Oduvaldo Vianna Filho *O Morto do Encantado Saúda e Pede Passagem*, escrita originalmente para a televisão. Na direção, Bernando Jablonski, professor de teatro e diretor do Caderno de Teatro, revista da casa.

"Depois da morte de Clara (Maria Clara Machado), a gente teve um momento de perplexidade", admite Bernardo. "Começamos a conversar com a Cacá Mourthé e vimos que era um absurdo aquele espaço ocioso num horário nobre. E as peças adultas serão retomadas. Esta é a primeira." Coincidentemente, ele foi o último a dirigir um espetáculo adulto no teatro, *O Inimigo*, de Rubem Fonseca, em 1993.

Procurando uma comédia com um lastro social, Bernando aceitou a sugestão de Domingos de Oliveira e se decidiu pela peça de Vianninha, nunca encenada em teatro. Escrita em 1963, vai completar 40 anos e "infelizmente continua atual", lembra o diretor.

Problemas Atuais

A comédia trata dos atropelos e dificuldades vividos por uma família pobre composta por José (Cico Caseira), sua mulher Maria (Andréa Cavalcanti) e o tio (de criação) Osório (Laerte Caetano). Mesmo retratando de forma até impiedosa as fraquezas e pequenas vilanias da comunidade na qual vivem os personagens, Vianninha consegue mostrar carinho por aquelas pessoas que, aparentemente, "vieram ao mundo mas perderam a viagem."

"São os excluídos socialmente, sobrevivendo como podem. Mas a peça mostra que o Estado continua o mesmo em sua inoperância: faltam saneamento básico, educação e tudo o mais. A gente até brincou com o título de João Cabral, dizendo que é Vida e Morte Alegrina. Se derem condições, estas pessoas vão em frente", lembra Bernardo.

Na trama, a doença do Tio Osório e, consequentemente sua morte, desencadeiam uma sucessão de incidentes que servem como pano de fundo da história, todos girando em torno do dinheiro. "Minha direção não é nem experimental nem inovadora", conta Bernardo. "Se conseguir traduzir e dar vida aquele monte de letrinhas, a gente está feliz".

A produção caprichada tem ainda no elenco Maria Clara Gueiros, Cristiana Lara Rezende, Márcio Lima, Marcius Melhém e mais 14 atores, todos com passagem pelo Tablado.

FOTOS: DOUGA MELGAR/VULGAÇÃO

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A Filha Da...

Comédia de Carlos Eduardo Silva sobre uma mulher que atira no marido e procura a ajuda da mãe. Direção: Elias Andreato. Com Marília Pêra, Nina Morena, Alexandre Barbalho e Luciana Coutinho. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terça e quarta, 21h30. R$15 e, a partir do dia 17, R$25.

A Prova

Peça de David Auburn sobre o mistério da autoria de uma prova que promete ser uma descoberta fenomenal da matemática. Direção de Aderbal Freire-Filho. Elenco: Andréa Beltrão, José de Abreu. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$30 (qui., sex. e dom.). R$35 (sáb.).

A Sombra do Negro

Texto e direção de Bruno Rodrigues. A partir das memórias do negro Fredo, o público fica sabendo da histórias de duas mulheres brancas e solitárias. Com Jorge Senra, Letícia Carvalho e Renata Rodrigues. **Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 2558-6350. Quarta e quinta, 19h. R$10.

As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant

Texto de Rainer Werner Fassbinder sobre famosa estilista que se separa do segundo marido e resolve viver de forma livre e independente. Direção de Ticiana Studart. Com Denise Weinberg, Carla Marins, Miwa Yanagizawa. **Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 2510-8848. De quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$10.

Alforria da Beleza

Comédia escrita por jovens atores (André Lucca, Sara Monarcos, Rodrigo Shimitz e Sabrina Gama), retratando um programa de televisão onde o público é o auditório. Direção: Bemvindo Sequeira. Elenco: Sara Monarcos, Sabrina Gama e Thiago Chagas. **Teatro Gláucio Gill** (Praça Cardeal Arco Verde, s/n, Copacabana). Fone: 2547-7003. Terça e Quarta, 21h. R$10 e R$5. Estréia 3 de setembro.

Aqui se Faz, Aqui se Paga

Comédia musical sobre vidas passadas, de Mauro Rasi e Vicente Pereira. Direção de Jorge Fernando. Elenco: J.F., Duze Naccarati, Marcelo Barros. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25 (qui., sex. e dom.). R$30 (sáb.).

Astro por um Dia

Escrita e dirigida por João Bethencourt, mostra a busca pela fama quando um ator é confundido com Paulo Gracindo. Com Flávio Migliaccio, Dirce Migliaccio, Cristina Bethencourt e Luciano Borges. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terças e quartas, 21h. Quinta, 17h. R$16.

Buda

Espetáculo solo de Clarice Niskier com texto da própria atriz. Em tom confessional, a personagem conta a história de uma mulher que busca a felicidade a qualquer preço. Direção: Domingos de Oliveira. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.) e R$20 (sáb.). Estréia 19 de setembro.

Caixa 2

Comédia de Juca de Oliveira sobre a realidade absurda vivida pelo brasileiro. Direção de Fauzi Arap. Com Mauro Mendonça, Oswaldo Loureiro, Cláudia Mauro. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2220-8394. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$25.

Closet Show

Conclusão da trilogia de Marcelo Rubens Paiva sobre relações amorosas, escrita com a colaboração de Ana Ferreira. Direção de Rafael Ponzi. Com Cristina Pereira, Cláudia Ohana, Giuseppe Oristanio. **Sala Marília Pera do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25 (qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).Estréia 12 de setembro.

Felizes da Vida

Comédia dramática sobre a classe média de Jacobo Langsner. Direção de Victor Garcia Peralta. Com Lucélia Santos e Guilherme Leme. **Sala Vermelha do Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3555, Shop

ping Barra Square). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Hamlet é Negro

Leitura arrojada do diretor Antonio Abujamra sobre o clássico de Shakespeare, só com atores negros. Com Kadu Carneiro, Iléa Ferraz, Jorge Eduardo. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Incidências

Peça de Dani Duarte, Flávio Pardal e Gisele Câmara, apresentando temas polêmicos como a violência contra a mulher. Direção de Rodrigo Portella. Com Dani Duarte, Rodrigo Penna, Gisele Câmara e Paulo Hamilton. **Espaço 3 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10. Até 1 de setembro.

Ladrão que Rouba Ladrão

Comédia do inglês Ray Cooney sobre um homem que toma posse, acidentalmente, de um milhão e meio de dólares. Direção de Cyrano Santarém. Com Débora Duarte, Roberto Pirillo, Rogério Fabiano. **Sala Azul do Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25 (qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Na Lona

Gustavo Damasceno usou o humor negro para falar da situação atual do artista no mercado cultural. Direção: Gustavo Damasceno e Ricardo Damasceno. Com a Cia. Teatral Ovelhas Negras. **Espaço 3 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$15.

Na Medida do Possível

Comédia que questiona os direitos do homem, com textos de Luiz Carlos Góes, Léo Jaime, Flávio de Souza e João Batista. Direção de Marcelo Saback, com Eduardo Martini. **Teatro Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116/sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Nervos de Deus

Baseado no livro "Memórias de um Doente dos Nervos", escrito num sanatório por Daniel Paul Schreber, juiz na Alemanha no séc. XIX. Concepção, roteiro e direção de Eugênia Thereza de Andrade. Com Cássio Brasil, Carlos Alberto Escher. **Teatro Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreiram 169, Copacabana). Fone: 2547-0156. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10. De 5 a 15 de setembro.

No Círculo das Luzes

Comédia de Doc Comparato ambientada no século XVII, apresentando um fictício duelo entre dois gêneros teatrais: comédia e tragédia. Direção de Ulisses Cruz. Com Pedro Paulo Rangel, Thiago Lacerda, Tetê Medina, Ana Kutner. **Teatro Maison de France** (Av. Pres. Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2262-7527. De quinta a domingo, 19h30. R$25 (qui. e sex.) e R$30 (sáb. e dom.).

O Casamento Suspeitoso

Texto de Ariano Suassuna sobre dois palhaços que criam um casamento falso visando a posse de um inventário. Direção: Niette de Lima. Com Adolpho Pasinato, André Falcão, Lígia Paiva. **Espaço Cultural Santa Rosa de Lima** (Rua Voluntários da Pátria, 110, Botafogo). Fone: 2226-6105. Quartas-feiras, 20h. R$7.

O Doente Imaginário

Clássico de Molière sobre o rico e avarento burguês que sofre de hipocondria. Direção de Jacqueline Laurence. Elenco: Bemvindo Sequeira, Suelly Franco, Nildo Parente. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4164. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

O Morto do Encantado Saúda e Pede Passagem

Comédia de Oduvaldo Vianna Filho tratando dos atropelos e dificuldades vividos por uma família pobre. Direção de Bernardo Jablonski. Com Cico Caseira, Andréa Cavalcanti, Laerte Caetano. **Teatro O Tablado** (Av. Lineu de Paula Machado, 795, Jardim Botânico). Fone: 2294-7847. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

Ode Marítima

O poema de Fernando Pessoa leva o espectador a uma trajetória ao interior do ser humano. Direção de Eloy Araújo com arranjos e direção musical de João Carlos de Assis Brasil. Com Márcia Queiroz, Luca Machado e Cássio Pandolfi. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2276-7295. Segunda e terça, 20h. R$15.

Pois é, Vizinhas

Adaptação de *Uma Mulher Só*, de Dario Fo e Franca Rame, retratando o cotidiano simples de uma dona de casa da classe média. Direção, adaptação e atuação: Deborah Finocchiaro. Ator convidado: Arthur Schreinert. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824 A, Ipanema). Fone: 2523-9794. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15 (qui.) e R$20 (sex. e dom.).

Por Mares Nunca Dantes

Poema de Geraldo Carneiro sobre Camões desembarcando no Rio nos tempos atuais. Direção de Moacir Chaves. Com Tonico Pereira, Orã Figueiredo e Márcia Moraes, além de acrobatas. O espetáculo se passa no barco Tocorimé, ancorado na **Marina da Glória** (Av. Infante Dom Henrique, s/n). Fone: 3185-1996. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25.

Unha e Carne

Comédia romântica sobre os sentimentos e contradições de duas mulheres maduras, experientes e de personalidade marcante. Escrita e dirigida por Chico Azevedo. Com Denise Del Vecchio e Lilia Cabral. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25 (qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Woyzeck, o Brasileiro

Texto de Büchner, considerado uma das primeiras tragédias do homem alienado. Direção: Cibele Forjaz. Com Matheus Nachtergaele, Marcélia Cartaxo, Soia Lira, Nanego Lira. **Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Melo Franco, 290, Leblon). Fone: 2239-4046. De quinta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui. e sex.), R$25 (dom.) e R$30 (sáb.).

Mamãe Não Pode Saber

"Tanto a peça quanto a direção são espetaculares. E todos os atores são dignos de prêmios!"

Lucinha Lins
atriz e cantora

Chico Doido de Caicó

"Leon Góes sozinho no palco é um espetáculo muito interessante. Ele é um virtuoso do corpo e explora isso de todas as maneiras."

Tônia Carrero, atriz

Hamlet é Negro

"Adorei. Eu, que não sou irreverente, tive que me render à irreverência do Abujamra. Brincar com a tragédia é a saída para a humanidade."

Zezé Motta, atriz e cantora

A Prova

"Dá um grande orgulho assistir. Primeiro, por ser uma montagem brilhante, com direção e elenco impecáveis. E outro orgulho é ser colega de uma atriz como Andréa Beltrão."

Cláudia Netto,
atriz e cantora

Buda

Monólogo com Clarice Niskier discute o universo feminino.

Por Maria Lucia Rangel

Um trio que já se encontrou no teatro algumas vezes se reúne novamente para montar um antigo projeto que mergulha no universo feminino e suas particularidades. Domingos de Oliveira na direção, Maitê Proença na produção e Clarice Niskier como autora do texto e atriz de *Buda*, espetáculo que estréia dia 12 de setembro na Casa da Gávea.

Há cinco anos, quando o grupo encenava *Mulheres de 30*, Clarice Niskier escreveu três esquetes para substituírem outros três da peça que ainda estava em cartaz. O diretor Domingos de Oliveira achou que eram tão bons e engraçados que sugeriu à Clarice criar um personagem e usar seus textos em outra peça. "Comecei então a pensar na idéia", conta Clarice. "O personagem é uma mulher que busca a felicidade a qualquer preço, mas não consegue cuidar de si de tanto que deseja o outro. Na verdade, ela sempre acha que alguma 'roubada' é o amor de sua vida."

Buda é cheia de referências do cotidiano carioca. ELA, a personagem, enfrenta sozinha o medo da violência dentro de um ônibus circular, vai ao Maracanã assistir ao show dos Rolling Stones, é surpreendida por um temporal em Niterói. De tanto querer um amor, acaba encontrando dois. ELA pede tanta ajuda aos outros para encontrar seu ponto de equilíbrio que acaba se desequilibrando totalmente. Só melhora quando resolve viver o "aqui e agora", rendendo-se à filosofia budista (ELA é budista), que prega "ver as coisas como realmente são". Clarice não é budista mas faz meditação num templo budista: "Este caráter não-religioso é que me agrada. Venho do judaísmo. Com um peso muito grande", admite.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Primeira vez

Quanto ao espetáculo solo, é o primeiro de sua carreira. O anterior não conta, pois quando fez *Ato para Clarice* – sobre Clarice Lispector - dirigida por Eduardo Wotzik, estava grávida de oito meses. "É uma diferença enorme, porque não estava sozinha. Agora, tento esquecer que o texto é meu para poder trabalhar", confessa. "O jogo com o Domingos é o seguinte: faço tudo o que ele quer. Se eu discordar, continuo fazendo o que ele manda. Se mesmo assim eu discordar, ele faz o que eu quero", brinca.

Já Maitê Proença, amiga de longa data, entrou como produtora porque adorou o texto. Quando Clarice procurou-a para, juntas, captarem patrocínio, Maitê pediu que ela lesse o texto. Gostou tanto que se ofereceu para produzir. "Ela tem assistido aos ensaios e nos dá liberdade total."

Camaleão na Lua

Peça de Maria Clara Machado ganha nova encenação no Tablado.

Por Maria Lucia Rangel

O ano de 2002 está começando para o Tablado com a montagem da peça *Camaleão na Lua*, texto pouco conhecido de Maria Clara Machado. E marca o retorno ao palco, depois de 16 anos, de José Lavigne, cria e ex-professor da casa, atualmente diretor do programa *Casseta & Planeta*. Quando comunicou ao grupo de comediantes que iria fazer o papel-título de uma peça infantil, ouviu de um deles: "Não vou nem levar meu filho, que é para não me atrapalhar!"

José Lavigne é do tempo em que o Tablado só tinha uma turma de alunos e, como única professora, Maria Clara Machado. Foi esta geração de estudantes que passou a ensinar: Lavigne, Sura Berditchevsky, Damião e Cacá Mourthé, que agora dirige o ex-colega. "Senti necessidade de voltar às origens", conta Lavigne. "A TV Globo não me esgota, porque faço um programa que adoro, com gente talentosa e que é sucesso de público. Mas preciso retomar algumas coisas deixadas lá atrás.

Perdi meus pais num acidente de carro há 15 anos. Foi quando entrei para a Globo. E fiquei conhecido como o Zé Lavigne da Globo. E já tinha oito mambembes como o grupo Manhas e Manias. Imagina que fui casado 11 anos com uma pessoa e ela nunca me viu representar."

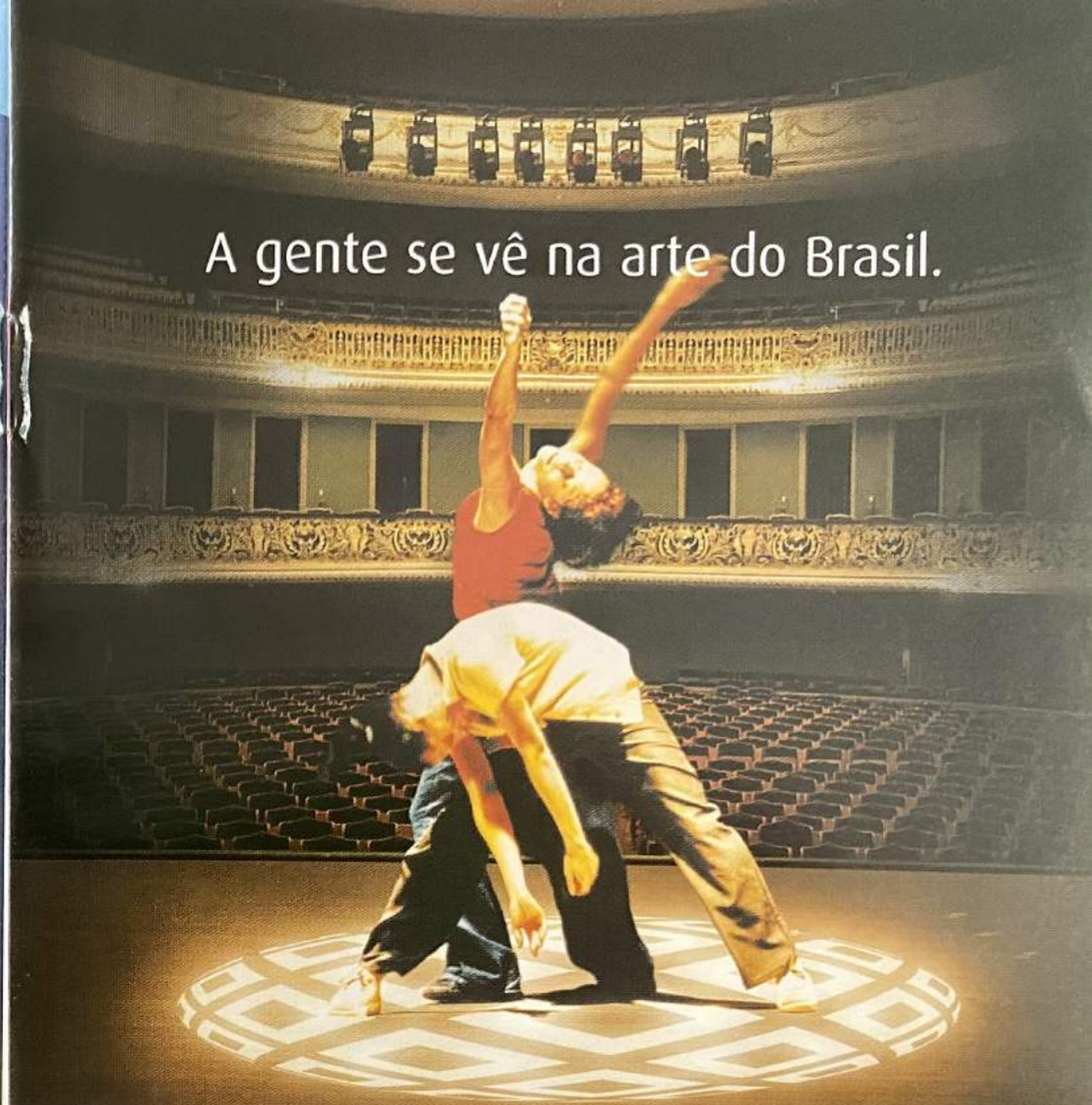
Exercício de humildade

Ele vê a morte de Maria Clara Machado como fator definitivo para esta volta ao palco. O Tablado precisa de seus filhos. "E eu fui lá chatear a Cacá, propor escrevermos uma peça juntos." Ao conversar com Cacá Mourthé, soube que a diretora estava montando *Camaleão na Lua*. Quando recebeu o convite para interpretá-lo, não hesitou: "Só depois fui me tocar da responsabilidade. Iria trabalhar com uma garotada e fazendo dupla com o filho da Cacá, que foi minha primeira namorada. Não poderia dar exemplo de estrelismo ou falta de confiança. Está sendo um exercício de humildade."

Considerando-se um palhaço – fez inclusive a Escola de Circo - Lavigne se inspirou em seus dois comediantes preferidos para compor o papel: Groucho Marx e Mike Meyer. Seu personagem, Camaleão Alface, é o bandido da história perseguindo o cientista mineiro Vovô (André Stock), inventor de um pozinho chamado Enluarado, que encurta as distâncias. Vovô quer ir à lua avisar aos lunares que ônibus espaciais de turismo chegarão em breve. Ao saber disso, Camaleão Alface seqüestra o cientista. E começam as peripécias que têm ainda os atores Débora Lamm, Jorge Neves, Pedro Kosovski e outros dez da companhia do Teatro Tablado.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Dercy Gonçalves e Eugênio Pascoal na época em que formavam a dupla Os Pascoalinos, 1931



A Brasil Telecom está envolvida em vários projetos nacionais de dança, teatro, artes, literatura. E são espetáculos nacionais porque contam com artistas renomados e percorrem todo o País. É no intercâmbio cultural que a gente se identifica.

Conduzindo Miss Daisy
Natália Timberg e Milton Gonçalves

Empresta-me Teus Olhos
Grupo Quasar

Flap
Intrépida Trupe

Alta Sociedade
Fernanda Montenegro

BrasilTelecom

A Brasil Telecom patrocina a Companhia dos Atores, Intrépida Trupe, Grupo Quasar, Casa da Gávea, os artistas Fernanda Montenegro, Natália Timberg, Carla Camurati, Bibi Ferreira, Sérgio Brito, entre outros talentos brasileiros.

Multishow em Revista.
Você não vai cansar de aplaudir.

No Multishow em Revista, você encontra o making of de grandes espetáculos, entrevistas com personalidades, assiste a clipes em primeira mão e ainda confere as dicas da semana de shows, filmes, peças de teatro e artes plásticas. Multishow em Revista. Um programa que merece aplauso.

De segunda a quinta, às 21h45. E todo domingo, às 22h45, tem o Compacto da Semana.